

A PECUÁRIA NAS REGIÕES DE TOMBALI E CACHEU: POSSE VERSUS PRODUÇÃO ANIMAL?

ANDRÉ MARTINHO DE ALMEIDA; LUÍS ALFARO CARDOSO

IICT - Instituto de Investigação Científica Tropical
CIISA – Centro Interdisciplinar de Investigação em Sanidade Animal
ATA – Associação Tropical Agrária
aalmeida@fmv.utl.pt

Resumo

A produção animal e a sua exploração reveste-se de extrema importância no âmbito da sobrevivência das populações de países em vias de desenvolvimento em geral e da Guiné-Bissau em particular. Com efeito, os animais são essenciais como fonte de tracção animal, para o fornecimento de carne e leite, assim como símbolo de status, reserva alternativa ao capital, possuindo igualmente um elevado valor cultural e espiritual, frequentemente o mais valorizado por várias etnias da Guiné. Este trabalho procura caracterizar os sistemas pecuários de duas das regiões mais desfavorecidas da Guiné-Bissau, Cacheu Norte e Tombali. Uma ênfase particular será dada à dicotomia existente entre um sistema tradicional que privilegia a simples posse de animais e as necessidades crescentes de um país em que a economia de mercado e as trocas comerciais assumem importância crescente. Esta comunicação descreve os principais aspectos de manejo e objectivos com que os animais são criados nesta região da Guiné-Bissau, apresentando-se as principais diferenças com que as principais etnias da região (Tombali – Balanta e Nalú; Cacheu Norte – Balanta e Felupe) encaram e conduzem a posse a comercialização de animais. Todas as espécies pecuárias serão abordadas, com especial destaque para os bovinos e os pequenos ruminantes, verdadeiro denominador comum da produção pecuária da Guiné-Bissau, fazendo-se uma descrição das raças existentes, suas principais características, assim como uma descrição do sistema de exploração em que estão inseridos. As principais limitações inerentes a este sistema de produção/posse serão igualmente descritas. Serão abordados aspectos como a natureza e objectivos do sistema de produção, das funções e capacidade dos serviços agro-pecuários, assim como do papel das ONGs e das associações locais de produtores. Serão finalmente avançadas propostas de medidas concretas com vista à melhoria dos indicadores e resultados da produção animal nestas regiões, procurando-se contribuir desta forma para a melhoria das condições de vida das populações locais.

Palavras-chave: Tombali, Cacheu, Balanta, Felupe, Nalú, Produção animal

*

INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um país africano, de pequena dimensão, com uma área de 36.125 km², na costa ocidental africana. O país está dividido em nove regiões: Bissau, Biombo, Cacheu, Bolama, Oio, Quinara, Tombali, Bafatá e Gabú. Este trabalho respeita a região de Cacheu (NW do país) e Tombali (SW do país).

A Guiné-Bissau caracteriza-se por ter um clima tropical húmido com diferenciação clara em duas estações: a seca e a das chuvas, sendo a pluviosidade variável consoante a proximidade ao litoral.

A Guiné-Bissau apresenta um baixo índice de desenvolvimento humano, sendo classificada como um País Menos Desenvolvido e de baixo rendimento. A economia do país é essencialmente agrícola, com indústrias incipientes e tecnologia muito rudimentar. A agricultura é fundamentalmente de subsistência, com destaque para a cultura do arroz. A agricultura comercial é dominada pela produção de castanha de caju para

exportação, representando a quase totalidade das receitas da Guiné-Bissau. A Guiné-Bissau caracteriza-se pela falta de infra-estruturas, como estradas e pontes, que dificultam a circulação de produtos e consequentemente o estabelecimento de uma economia de base comercial.

Estas regiões são habitadas por diversas etnias que co-existem nas várias povoações e tabancas (aldeias), dispersas pelo território. São, no entanto, de destacar duas etnias maioritárias em cada região: a etnia Balanta / Balanta-Mané e a etnia Felupe (Cacheu) e as etnias balanta e Nalú (Tombali). Existem igualmente outras etnias menos representativas tais como os Manjacos, Fulas ou Mandingas.

Cada tabanca possui um “homem grande” (chefe de tabanca), secundado por um “comité de tabanca”. Estes homens, na sua maioria anciões (40 a 50 anos), são responsáveis pelos assuntos diversos que concernem a vida quotidiana na tabanca e a sua relação com elementos exteriores a ela, tais como as diversas ONGs a operar na região, ou mesmo ao nível do próprio estado. Nas tabancas com mais de uma etnia, é frequente cada etnia possuir o seu próprio “homem grande” e comité de tabanca.

A agricultura e a pecuária da Guiné-Bissau são significativamente mais amplas que o relatado no âmbito deste artigo. Para um panorama geral sobre os sistemas agro-pecuários deste país, sugere-se a consulta de Cardoso et al. (1993). As únicas culturas de cariz marcadamente comercial são o amendoim (designado localmente por mancarra) e a castanha de cajú, com especial destaque para esta última que parece assumir muitas vezes a única fonte de ingressos das populações rurais. Estas culturas comerciais não são realizadas sob a forma de sistema de exploração de terra do tipo plantação, comum em outros países da região. Com efeito estas actividades estão relacionadas com a colecta do fruto do cajú, tarefa em que participa toda a comunidade, aquando da época das colheitas.

Em ambas as regiões, as populações praticam uma agricultura essencialmente de subsistência. Com efeito, a alimentação das populações é à base de duas grandes culturas: o arroz e diversos tipos de milho. A alimentação das populações é complementada com diversos tipos de pescado. A caça é igualmente uma actividade importante do ponto de vista do abastecimento alimentar das populações.

A criação de espécies pecuárias é extremamente importante. No entanto, por motivos diversos que iremos detalhar, carece do relevo expectável numa economia agrária de subsistência como a existente. Este aspecto constitui o tema deste trabalho e será detalhado nas secções subsequentes.

CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO BOVINA

A criação ou posse de bovinos constitui uma verdadeira forma de riqueza entre as várias etnias que habitam estas regiões. O valor destes animais prende-se, não só com o aspecto económico e de aprovisionamento alimentar (muitas vezes os aspectos menos significativos), mas também com outros aspectos

nomeadamente no que diz respeito aos do plano sociológico e inclusivamente afectivos. Com efeito, para as etnias que habitam estas regiões, o bovino constitui uma forma de medida da riqueza, ou mesmo de estatuto social. Por outro lado os camponeses possuem um gosto muito especial pelos seus animais, conhecendo-os individualmente.

Desde a época colonial, apenas se realizaram arrolamentos de gado bovino durante a década de 80. Os bovinos criados são animais da espécie *Bos taurus*, de raças tripanotolerantes comuns na África Ocidental e divididos habitualmente em dois tipos: *N'Dama* e WAS (*West African Shorthorn*). Na figura 1 apresentam-se alguns aspectos da produção bovina nesta região. Não parecem estar disponíveis quantificações produtivas destes bovinos na região ou mesmo em todo o território da Guiné-Bissau. Estes valores encontram-se no entanto disponíveis noutros países da região como a Gâmbia (Jaitner et al., 2001, 2003).

Trata-se de raças muito rústicas que possuem a notável capacidade de tolerar, até certos níveis, as tripanossomíases, uma doença comum em todas as zonas húmidas da Guiné-Bissau. A dimensão e a produtividade destes animais são extremamente reduzidas, sendo frequentemente sugerida na literatura, em especial a mais antiga, a sua substituição por raças zebuínas (*Bos indicus*) ou europeias de maior produtividade. No entanto, dada a extrema sensibilidade dos bovinos *Bos indicus* e dos bovinos europeus a esta doença, as raças tripanotolerantes constituem a única alternativa de produção. Com efeito, experiências passadas de importação de ambos os tipos de bovinos referidos anteriormente saldaram-se pela depressão da capacidade produtiva dos animais importados e, como consequência final, pela morte dos animais importados.

Entre os Balantas, a posse e o manejo dos bovinos faz-se ao nível familiar, devendo este núcleo ser encarado como a unidade que possui e maneja os animais. Durante visitas às tabancas observaram-se tamanhos extremamente variáveis do número de elementos de uma manada, podendo ir desde os 2-3 animais até aos cinquenta ou sessenta. A composição da manada é com efeito bastante variável, co-existindo animais de ambos os sexos e de várias idades, desde bezerros recém nascidos, novilho(a)s e touros e vacas adultas.

A composição da manada não obedece aparentemente a nenhum critério de selecção, na medida em que não se escolhem quais os animais que se irão reproduzir. Com efeito, o proprietário mantém na sua posse todos os animais que nascem por ano, independentemente do sexo ou quaisquer outras características, sendo que o objectivo fundamental parece ser o de possuir o maior número possível de animais. Este objectivo tem um efeito bastante marcado na composição das manadas, observando-se frequentemente rácios de um touro para três vacas.

A extração de animais de refugo, a venda ou o auto-consumo é extremamente incipiente, sendo que os animais morrem habitualmente de várias doenças ou mesmo de acidentes de vários tipos. O abate de

bovinos é algo apenas realizado em ocasiões muito especiais, nomeadamente o *choro* (luto pela morte de um familiar) ou outras cerimónias. O abate para alimentação do proprietário, fora do âmbito das cerimónias mencionadas anteriormente, é algo extremamente raro. Não obstante, o consumo de carne de animais mortos por doença ou acidente parece ser generalizado entre os Balantas.

A venda de animais a elementos de outras etnias ou exteriores à tabanca não é frequente, a não ser em caso de necessidade extremamente grande. Curiosamente, a venda ou saída de bovinos para o exterior carece de acordo com outros membros da família, e em certos casos, de outros elementos da tabanca. O desejo ou a necessidade de se venderem animais pode pois ser causa de conflitos entre familiares e vizinhos. É no entanto de destacar que alguns proprietários mostram mais abertura à comercialização de bovinos.

Entre os Balantas, registam-se frequentemente roubos de bovinos, sendo este um motivo de discórdia bastante sério. No entanto, a recuperação dos animais roubados, é frequente e a forma de indemnização dos lesados parece ser definida pelos homens grandes das tabancas envolvidas.

Os bovinos dos Balanta são mantidos durante a noite num curral, constituído por estacas de madeira, fazendo uma vedação com cerca de 1,5 m de altura. O chão é de terra. Neste curral, os animais podem estar livres ou, mais frequentemente, presos por uma corda a uma estaca no chão, sendo esta a única altura ou ocasião em que se nos afigurou possível realizar determinados aspectos do maneio diário, tais como a ordenha, ou hipotéticas tarefas veterinárias, tais como vacinações ou desparasitações.

As vacas dos Balantas são ordenhadas diariamente por adolescentes do sexo feminino, ao fim da manhã e antes dos animais saírem para a pastagem. De acordo com os proprietários cada vaca produz cerca de 1 litro de leite por dia, no entanto os valores descritos na literatura para este tipo de animais, apontam para valores mais modestos. O leite é consumido aparentemente pelos proprietários dos animais sob a forma de “leite dormido”, ou seja sujeito a uma fermentação breve. Apesar do grosso deste leite ser consumido na própria tabanca, é possível encontrá-lo à venda nos *lomus* como os de Ingoré, por exemplo.

Após a ordenha e coincidindo com o regresso das crianças da escola (11.00-12.00 horas), os animais saem para o campo a cargo dos pastores, crianças e jovens adolescentes do sexo masculino, habitualmente entre os 10 e os 15 anos. Esta altura do dia coincide também com a altura em que o capim das pastagens perdeu a humidade da noite. A pastagem é muito variada, indo desde os terrenos da bolanha à floresta e matas de cajueiro. O abeberamento dos animais é feito nos cursos de água naturais como por exemplo a bolanha, ainda que muitas vezes se recorra a poços e bebedouros existentes na tabanca.

Os machos são mantidos todo o ano com as fêmeas e estas parem de cada dois ou três anos. Os bezerros nascem durante todo o ano, mas há aparentemente mais nascimentos durante a época seca. De igual forma

também não parece haver uma época do ano em que as mortes dos animais por doença sejam mais significativas pois parece haver mortalidade ao longo de todo o ano. No entanto, os meses de Março e Abril, em que se realiza a transição da época seca para a época das chuvas, parecem ser uma altura do ano em que se registam maiores mortalidades. Este último aspecto, ainda que não recolha o consenso por parte dos proprietários entrevistados parece ser lógico dado que, por um lado, as disponibilidades de pastagem são mais reduzidas no fim da época seca e no início da época das chuvas e que, por outro, o excesso de humidade e as subidas de temperatura características do início da época das chuvas propiciam o aparecimento de parasitoses e doenças nos animais enfraquecidos pela pouca disponibilidade de alimentos. Este trabalho foi realizado durante o mês de Novembro, altura em que as disponibilidades alimentares serão maiores. É pois de destacar o facto de que a grande maioria dos animais nas tabancas visitadas possuíam uma condição corporal extremamente baixa. Este facto leva a admitir que aquando da transição da época seca para a época das chuvas o problema se agudize de forma significativa traduzindo-se pois no referido aumento nas mortalidades.

Em função do seu isolamento, menor contacto com as outras etnias, mas principalmente por razões que se prendem com o meio ambiente em que vivem, a criação de gado bovino entre os Felupes (Cacheu) e os Nalús (Tombali) apresenta características que a diferenciam da anteriormente descrita para os Balantas.

No que diz respeito aos recursos genéticos, o gado dos Felupes é muito semelhante ao encontrado entre os Balantas, consistindo em animais de raça N'Dama e West African Shorthorn. A caracterização produtiva destas raças é extremamente difícil, pelas mesmas razões anteriormente descritas, nomeadamente no que diz respeito à utilização dada aos animais e a falta de meios de medição e registo das produções. A composição e tamanho das manadas parecem, no entanto, ser muito semelhante à verificada entre os Balantas.

Entre os Felupes e Nalús, e ao contrário dos Balantas, os bovinos da mesma tabanca são criados em conjunto, apesar da sua posse ser, aparentemente, ao nível familiar tal como entre os Balantas. A criação conjunta dos bovinos da tabanca tem implicações ao nível do manejo. Assim, as manadas bovinas dos Felupes passam a maior parte do tempo nas zonas de pastoreio, áreas de floresta de difícil acesso e muitas vezes a grandes distâncias da própria tabanca, guardados por pastores (crianças e adolescentes de várias famílias). Assim sendo e, ao contrário do verificado entre os Balantas, os bovinos dos Felupes não são recolhidos ao fim do dia, não existindo aparentemente estruturas para a recolha do gado do tipo curral onde, na eventualidade, se pudessem realizar tarefas de manejo sanitário, tais como vacinações ou desparasitações.

A permanência dos animais, por largos períodos, na floresta tem outras implicações, nomeadamente ao nível da ordenha das vacas, que não parece ser realizada entre os Felupes.

De igual forma, o problema de roubo de animais, de extrema importância entre os Balantas, parece não se verificar entre os Felupes.

Ao contrário dos Balantas, em caso de necessidade absoluta (pagamento de despesas extraordinárias ao nível escolar ou de saúde), os Felupes parecem ter mais facilidade em vender os seus animais. Tal prática está porém subordinada à permissão da autoridade da tabanca e não é de forma alguma generalizada. Salvo excepções como os casos anteriormente mencionados, a extracção de animais parece limitar-se a determinadas ocasiões como cerimónias fúnebres (choro) e festas, à semelhança do já referido para os Balantas.

As épocas do ano em que se registam maiores mortalidades são as mesmas referidas para os Balantas. Há no entanto que destacar que, devido à sua proximidade ao Oceano Atlântico e ao rio Cacheu, muitos dos cursos de água da região Felupe têm água salgada ou salobra. Este facto, torna o abastecimento de água aos animais e às populações particularmente difícil, com especial destaque para a época seca. De igual forma a disponibilidade de pastagens parece ser muito menor do que nas zonas habitadas pelos Balantas, menos sujeitas aos problemas causados pelo excesso de sal nos cursos de água.

A importância dos bovinos entre as etnias que habitam estas regiões, ultrapassa o plano pecuário ou agrário que assume entre populações de outras regiões do globo. Com efeito, os bovinos, mais do que qualquer outro animal doméstico, possuem um elevado valor ritual e são frequentemente empregues em rituais de fertilidade que, alegadamente, conferem aos seus proprietários e família e, por inerência, aos seus campos, ou aos outros animais domésticos.



Figura 1 – Aspectos da produção bovina.

Note-se a pequena dimensão dos animais, na figura 1b por comparação com uma criança em segundo plano. Todos os animais são de raças designadas por tripanotolerantes. a – bovino N'Dama, b- vaca N'Dama, c – manada N'Dama e d – em primeiro plano touro N'Dama.

CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE PEQUENOS RUMINANTES

Os pequenos ruminantes, abundam nas tabancas da região. Apesar de existirem ambas as espécies, é de destacar que os caprinos se encontram com muito mais frequência do que os ovinos em toda a região. Este facto parece, na nossa opinião, estar associado à presença de habitantes muçulmanos para quem o ovino possui um elevado valor ritual, sendo usado em várias cerimónias religiosas. Há a destacar que a preferência da maioria dos proprietários pelos animais da espécie caprina se prende com a maior rusticidade destes animais e pela sua maior tolerância a doenças como por exemplo as tripanossomíases.

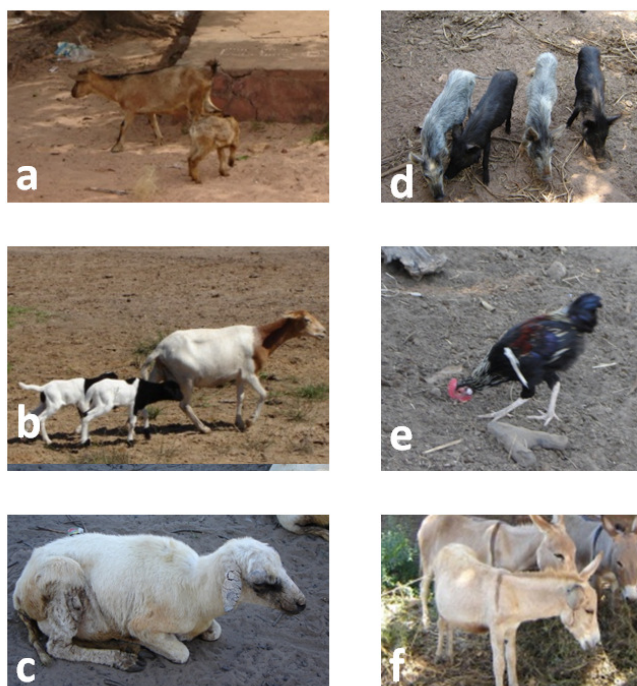


Figura 2 – Aspectos da produção de pequenos ruminantes, suínos, aves e asininos. ´

a – Caprinos anões; b – ovinos do tipo Djallonké; c – ovino de tipo *saheliano*, importado presumivelmente de regiões mais secas da Guiné-Bissau ou do Senegal e propriedade do Imã de Ingoré. Este animal registava um caso evidente de sarna; d – suínos de raça crioula; e – galináceo local; f – asininos típicos da África Ocidental e Sahel.

No que respeita às raças de pequenos ruminantes, todas as cabras encontradas podiam ser consideradas da raça ou agrupamento racial Anão da África Ocidental (*West African Dwarf*), cujas características produtivas se encontram amplamente descritas em países de elevada incidência de tripanossoma tais como a Gâmbia (Jaitner e tal., 2006). Na figura 2a apresentam-se fotografias de caprinos encontrados na região.

Os ovinos encontrados não pareciam ser, na sua maioria, da raça *Djallonké*, mas antes animais de maior porte, possivelmente importados de regiões mais secas do Sahel ou do leste da Guiné-Bissau, onde a problemática das tripanossomíases não é tão significativa. Este facto parece corroborar a maior presença de ovinos junto da comunidade muçulmana, anteriormente referida. Na figura 2b apresentam-se exemplares de ovinos *Djallonké*, e na figura 2c de animais de uma outra raça, propriedade do Imã de Ingoré.

Não nos debruçando sobre a criação de pequenos ruminantes a nível urbano e peri-urbano, podemos afirmar que a criação de pequenos ruminantes ao nível da tabanca se restringe praticamente aos pequenos caprinos anões da África Ocidental. Tanto entre os Balantas como entre os Felupes, estes animais são propriedade de uma só família. O número de animais por proprietário é muito variável indo de um animal a uma dezena. A maioria são apascentados de forma semi-livre, ou seja os animais são deixados livres para deambular pelos terrenos da tabanca, alimentando-se de resíduos de culturas, lixo, herbáceas espontâneas, sendo que na época das colheitas os animais são guardados em pequenos currais ou amarrados a postes perto das casas para não destruírem as colheitas.

O acasalamento destes animais é inteiramente casual e, tal como nos casos dos bovinos, não parece haver por parte dos proprietários, nenhuma espécie de escolha de reprodutores. As fêmeas não são ordenhadas e os cabritos parecem nascer ao longo de todo o ano. Cada fêmea dá à luz um ou dois cabritos por ano.

O abate destes animais apenas se efectua aquando da morte de algum membro da família ou ainda em épocas de festa ou visita de algum familiar. Entre os Balantas, a problemática dos roubos parece ser muito menor do que a verificada no caso dos bovinos. Parece haver igualmente uma muito maior abertura à comercialização destes animais do que no caso dos bovinos, em especial nas tabancas situadas na vizinhança da estrada principal e perto de povoações de maiores dimensões como São Domingos ou Ingoré.

CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO SUÍNA

Com a exceção das zonas de população islâmica, os suínos parecem desempenhar um papel muito importante no contexto pecuário da Guiné-Bissau. Os suínos produzidos localmente são da raça ou agrupamento racial denominado crioulo. Trata-se de animais de pequeno porte e reduzida produtividade numérica. Os animais são habitualmente pretos, podendo no entanto observar-se animais de cor branca ou malhados. Exemplos de suínos crioulos são apresentados na figura 2d.

A maioria dos suínos observados estava em regime de semi-liberdade, à semelhança dos pequenos ruminantes, sendo que os seus proprietários os deixam deambular nas redondezas da tabanca alimentando-se de restos de culturas, lixos, pequenos invertebrados, etc. Podem-se encontrar também animais em pequenos cercados. De acordo com os seus proprietários, os animais são mantidos em cercados na época

das colheitas para as não destruírem ou, mais frequentemente no caso de marrãs que acabaram de dar à luz. Durante a noite os animais são recolhidos em pequenos cercados para se evitarem os roubos de animais.

Tal como no caso dos ruminantes, os suínos são abatidos localmente ao nível da tabanca em ocasiões especiais, nomeadamente em caso de morte de um membro da família ou por motivo de festas ou para receber visitas.

A venda de suínos é muito mais frequente do que a de bovinos ou pequenos ruminantes e parece não colocar problemas aos seus proprietários. No entanto é realizada apenas como recurso para obtenção de dinheiro para fazer face a uma despesa extraordinária ou inesperada.

CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE AVES

A galinha doméstica representa a quase totalidade das espécies avícolas encontradas nas tabancas e povoações em ambas as regiões, há no entanto a registar a observação ocasional de patos da Barbárie (*Cairina moschata*) em Varela e Ingoré. Nesta secção referir-mo-nos-emos apenas à produção de galinhas.

As galinhas existentes ao nível das tabancas e povoações parecem ser as pequenas galinhas anãs, muito semelhantes às das zonas rurais de Portugal. Tais animais existem numa grande variedade de plumagens desde o totalmente branco ao preto, observando-se com facilidade plumagens castanhas ou pedrês. Um exemplar de galinha anã encontra-se representado na figura 2e.

À semelhança do verificado para os pequenos ruminantes e suínos, as aves são propriedade de uma família. Em termos de manejo, são deixadas em liberdade ao longo do dia para se alimentarem nas redondezas da tabanca de restos de cultura, lixo, pequenos animais, vegetais, etc., sendo recolhidos ao fim do dia, ocasião em que há frequentes misturas de animais de vários proprietários. Não há dados sobre a produtividade destes animais, nem ao nível de produção de carne nem ao nível de produção de ovos e o desconhecimento dos proprietários sobre esta matéria é bastante grande.

A comercialização de galinhas e ovos é bastante frequente nos *lomus* de povoações como Ingoré ou São Domingos, onde se encontram animais à venda com facilidade. A nível das tabancas, abatem-se aves ao longo de todo o ano. É no entanto de destacar que o consumo de carne de galinha está reservado, quase exclusivamente, para ocasiões especiais como visitas de familiares, luto ou festas de vária natureza, não sendo frequente o seu consumo regular.

Dado que a comercialização de aves é praticada numa escala relativamente ampla e que não está sujeita aos constrangimentos observados por exemplo com os bovinos, é nossa opinião que esta actividade se encontra com boas perspectivas de desenvolvimento.

UTILIZAÇÃO DE ASININOS

A utilização de asininos para efeitos de tracção animal ou transporte de carga é relativamente limitada. Com efeito a sua distribuição parece estar circunscrita a zonas próximas da estrada principal e nos sectores da região de Cacheu, apenas.

Nas zonas de maioria Balanta, com particular destaque para a zona de Ingoré e Ingorézinho parece haver um grande interesse em possuir estes animais para utilização essencialmente na deslocação de cargas. A sua importância para os trabalhos de preparação da terra parece no entanto ser muito insignificante.

Os burros encontrados na zona Balanta (ver figura 2f) são bastante semelhantes aos encontrados noutras zonas da África Ocidental e do Sahel. Trata-se de animais de muito reduzida dimensão, de cor uniforme creme – castanho claro, apresentando uma característica “lista de mulo” de cor castanho-escuro sobre a coluna vertebral e membros anteriores.

Tal como os restantes animais domésticos, os burros são propriedade de uma só família. O manejo diário dos asininos parece ser bastante heterogéneo. Quando não estão a ser utilizados para tracção animal, os animais estão alojados nos currais com os bovinos, deslocando-se para a pastagem ao cuidado dos jovens pastores. Alternativamente os animais estavam alojados em permanência em currais, onde lhes era fornecida a alimentação.

Apesar de muito tolerantes às condições de exploração, os proprietários referiram a facilidade com que adoecem estes animais, não havendo uma época específica do ano em que isso aconteça. Dado que estes animais estão distribuídos por toda a África Ocidental, é de esperar que tolerem até certo ponto a maioria das doenças e parasitoses comunmente encontradas na zona. A tolerância às doenças será provavelmente diminuída pelo excesso de carga a que estes animais estão sujeitos. Com efeito, em todas as observações de carroças puxadas por burros nas estradas destes dois sectores da Guiné-Bissau, a carga e/ou o número de passageiros por carroça de apenas um burro era manifestamente superior ao razoável. Parece-nos pois de extrema importância sensibilizar os seus donos para os limites destes animais.

COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGRO-PECUÁRIOS

A comercialização de produtos da agricultura, (incluindo os pecuários), é feita a dois níveis: nos mercados semanais (*lomus*) ou na própria tabanca.

Os *lomus* apresentavam uma variedade de produtos alimentares bastante grande, indo desde o arroz e óleo de palma a hortícolas vários, pão, ou diversos tipos de peixe seco, fumado ou fresco.

No que respeita a produtos da pecuária encontramos à venda aberta em mercados leite dormido (fermentado), galinhas e patos vivos, carne de bovino e ocasionalmente cabras e suínos vivos, não tendo sido encontrados produtos de origem pecuária transformados, com excepção de leite dormido anteriormente referido.

A comercialização de carne de bovino é pouco significativa e, dando o exemplo de São Domingos para ilustrar a situação, traduz-se no abate de um animal cada semana ou 15 dias. A compra efectua-se numa tabanca em que o proprietário acede a vender o animal, o animal é transportado para a povoação e o abate é feito nas proximidades desta, numa zona, no caso de São Domingos, com acesso a água. O abate realiza-se

no dia do *lomu* e a carcaça é desmanchada e vendida ao ar livre e comercializada na sua totalidade no próprio dia.

O preço da transação é, de acordo com as informações fornecidas, estabelecido pelo administrador do sector. Esta prática parece ser válida para todos os produtos transaccionados no *lomu*, o que ocasiona frequentemente a escassez de determinado tipo de produtos e potencia a sua venda no mercado paralelo. Esta realidade foi observada no que respeita à venda de peixe fresco num dos *lomos* visitados, onde era praticamente impossível encontrar bancas com este produto à venda. É nossa opinião que esta situação poderá ser com facilidade extrapolada para produtos de origem animal e animais vivos, na medida em que muitas das vendas se fazem ao nível da própria tabanca, sendo difícil encontrar animais vivos à venda nos mercados.

CONCLUSÕES FINAIS

A produção animal desempenha um papel muito significativo nestas regiões. A sua importância extravasa o âmbito alimentar na medida em que desempenha um papel importante em rituais específicos ou como potencial reserva para tempos difíceis. Os níveis produtivos poderiam ser otimizados utilizando-se recursos genéticos locais que, apesar do seu fraco desempenho produtivo, possuem a notável capacidade de estar adaptadas às difíceis condições locais, nomeadamente doenças e parasitoses. Uma tal melhoria dos níveis produtivos poderia estar assente nos seguintes vectores fundamentais: 1) melhoria do maneio, em especial alimentar e reprodutivo e consequentemente de selecção; 2) minimização do contacto com animais selvagens, potenciais reservatórios de doenças; 3) Estabelecimento das mais elementares medidas profiláticas como as vacinações e as desparasitações, seja por meio do restabelecimento da operacionalidade dos serviços técnicos do Ministério da Agricultura da Guiné-Bissau ou da responsabilidade de ONGs que trabalhem no terreno; 4) desenvolvimento de canais de comercialização que fomentem a troca de produtos de origem animal, reforçando-se assim a sua importância para o desenvolvimento das comunidades locais.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com o apoio financeiro dos projecto *Konkobai e Woncame*, financiados pela Comissão Europeia e executados pelas ONGs IMVF - Instituto do Marquês de Valle-Flôr (Lisboa) e AD – Acção para o Desenvolvimento (Bissau). A assessoria técnica do projecto é da autoria da ATA – Associação Tropical Agrária (Lisboa). Os autores agradecem às populações e autoridades locais a disponibilidade demonstrada que permitiu a realização deste trabalho. A preciosa ajuda no terreno da AD e dos seus funcionários Ermelinda e Antero é reconhecida.

Bibliografia

- CARDOSO LA, MARTINS MENDES A, MARTINS JM. 1993. Sobre a pecuária da Guiné-Bissau. *Comunicações IICT Série de Ciências Agrárias* 13: 90-95.
- JAITNER J, CORR N, DEMPFLER L. 2003. Ownership pattern and management practices of cattle herds in the Gambia: implications for a breeding programme, *Trop Anim Health Prod* 35: 179–187.
- JAITNER J, CORR N, DEMPFLER L. 2004. Screening village N'Dama cows in The Gambia with respect to milk yield, *Trop Anim Health Prod* 36: 169–174.
- JAITNER J, NJIE M, CORR N, DEMPFLER L. 2006. Milk production of West African Dwarf goats in the Gambia, *Trop Anim Health Prod* 38: 261–266.